

Música e palavra fazem política para tempos terríveis no Coro das Vontades. Tiago Sousa e 56 manifestos amanhã no Maria Matos.



As vozes com Tiago Sousa

Mário Lopes

São estes os tempos que vivemos. Terríveis tempos de mudança em que a política está presente, hora a hora, no quotidiano das gentes. Isto, curiosamente, depois de tantos anos em que tantos bradaram a inevitabilidade do fim das ideologias, porque no Admirável Mundo Novo apolítico seríamos todos geridos – países, freguesias, pessoas – como empresas. Estes tempos que vivemos, estes tempos de luta ideológica feroz, a dos amanhã que cantam nenhum outro mundo ser possível para além da economia e a do hoje que tenta gritar que essa canção está gasta e tornou-se intolerável ouvi-la todo o santo dia, talvez torne inevitáveis manifestações como esta que veremos, amanhã, em Lisboa, no Teatro Maria Matos. Chama-se Coro das Vontades mas não exclama “eu tenho a solução e este é o caminho!” É mais complexo do que isso, como nos dirá Tiago Sousa, pianista de percurso ímpar na música portuguesa recente, autor de *Insónia* ou *Walden's Pond Monk*.

Em palco, Tiago, acompanhado de dois músicos, uma cantora e uma *di-seur*. Ali, os seus manifestos – a música que compõe, instrumental na tangente entre o jazz, a improvisada e a erudita, é em si um manifesto, dirá –, uniram-se aos manifestos que o Maria Matos convidou quem quisesse a elaborar. O Coro das Vontades não aponta nenhum caminho. Tiago Sousa e Joana Rosa, mulher da palavra escrita que deu estrutura à torrente de vontades, não têm essa arrogância. Pretende ser testemunho de uma necessidade de emancipação. O mundo somos nós. Todos: o público e os músicos. Mostremo-nos. Isto é o que nos quer dizer Tiago Sousa.

A ideia não é inédita. Nasceu como Coro de Queixas em 2005, em Birmingham, pelos artistas finlandeses Tellervo Kalleinen e Oliver Kochta-Kalleinen. Mas nem o director artístico do Teatro Maria Matos, Mark Deputter, que pensou transportar a ideia para Lisboa, nem Tiago Sousa, o músico escolhido para a concretizar, quiseram amplificar queixas. Transformaram-nas então em vontades. A música de Tiago Sousa embrenhando-se nas palavras dos que em Janeiro responderam ao repto, enviando desejos e pedidos.

“O que queremos para nós próprios? O que queremos para o nosso prédio, para o nosso bairro? O que queremos dos nossos políticos, artistas, juizes, administradores, cientistas, professores? Quais são as visões de futuro que nos mobilizam?”, lia-se no desafio lançando pelo teatro. “Notávamos que a maior parte dos textos escondia uma ideia de imposição de uma vontade sobre os outros. Interessava-nos a vontade interior, concretizar aquilo que sentes interiormente, individualmente, como justo”, diz Tiago Sousa no palco do Maria Matos, no intervalo de um ensaio com os músicos – Beatriz Nunes na voz, Ulrich Mitzlaff no violoncelo e João Camões na viola de arco (no ensaio não está presente a actriz Inês Nogueira, que também integrará o espectáculo).

A terra treme

Tiago, que acaba de editar *Pão*, álbum homónimo do projecto que o junta ao saxofonista Pedro Sousa e ao manipulador sonoro Travassos, e que editará no Outono *Samsara*, o seu novo disco em piano solo, não quer que o concerto seja um dedo erguido apontando o caminho. Quer perceber como a música que criou se pode relacionar com as palavras retiradas dos 56 manifestos recebidos e organizados em guião por Joana Rosa. Quer, e as palavras são agora de Joana, “levantar questões e não responder a questões”. Dias mais tarde, ouviremos Tiago dizer-nos ao telefone: “A minha maior preocupação está relacionada com a emancipação e ela só acontecerá quando as pessoas forem senhoras do seu destino. Não conseguimos transcender a lei da gravidade, mas a forma como nos organizamos socialmente deve ser feita sobre a nossa vontade individual e sobre a moralidade que construímos. Interessa que as pessoas sejam mais activas nesse papel e que encontrem formas de o ligar ao seu quotidiano”.

O espectáculo, que terá entrada livre até à lotação da sala (os bilhetes levantam-se amanhã a partir das 15h), será dividido em vários momentos que se fundiram num contínuo onde se identificarão seis “vagas”. Entre elas estarão leituras do *Samsara* por editar e de *Walden's Pond Monk*, álbum de 2011 inspirado na obra de Henry David Thoreau, influência recorrente em Tiago – Joana sorri: “Estamos sempre a voltar a ele”. O autor não é simplesmente o maestro que organiza e dirige o Coro das Vontades. É ele próprio voz do Coro: “A ideia que me guiou desde o início foi colocar os manifestos que nos enviásemos em contraponto com o que é a minha música, com o que são os meus próprios manifestos. A música que faço pode ser encarada enquanto tal. Nasce de um contexto específico, tem em si algo de político, é um sobressalto que reforça essa questão”.

No ensaio, ouvimos o primeiro momento, entrada em modo hipnótico no ambiente do concerto, com piano e cordas em movimentos ondulantes e a voz de Beatriz Nunes repetindo uma frase: “A terra treme”. É o início do sobressalto.

Foi a liberdade da música de Tiago Sousa que Joana Rosa procurou para os textos que organizou e que estarão disponíveis *on-line*, no *site* do Maria Matos. Ali encontramos reclamações concretas, proclamações políticas, vozes poéticas, prosa empolgada ou manifestos com Almada Negreiros no horizonte (“plim!”). Os autores pretendem diluir-se num caldo de vozes: “O espectáculo não somos nós”, repetem. Este coro é político mas não prega doutrina. “É necessário emanciparmo-nos antes de mudarmos. A vontade vem antes da acção”.

Por agora, sem público em quem as palavras e os sons se possam manifestar, a música vai ganhando consistência. Acaba o ensaio de mais uma peça. “Foi fixe?”, pergunta Tiago. “Já estamos no bom caminho”, responde Ulrich Mitzlaff. O Coro das Vontades começava a erguer-se.